

## Segunda parte da Primeira Parte do ingenioso fidalgo dom Quixote de la Mancha e do nosso ciclo “Ler Dom Quixote”

No começo do primeiro capítulo de Dom Quixote, Cervantes fala-nos de *“un mozo de campo y plaza que así ensillaba el rocín como tomaba la podadera”* quando descreve as outras pessoas que habitam a casa do senhor Quijada, Quesada ou Quejana ou como fosse que se chamasse o nosso fidalgo, já que nisto *“hay alguna diferencia en los autores que de este caso escriben”*. Curiosamente este moço, nunca mais será citado na obra. Martín de Riquer comenta que isto talvez se deva a que Cervantes se tenha “esquecido” dele.

Falando no outro dia com Teresa, comentávamos que nas duas vezes em que se fala no livro no facto que, enquanto cavaleiro, o Q devia de ter escudeiro – nos caps. III e IV. No III é o ventero (estalajadeiro) quem lhe fala no assunto, e na continuidade disso, no IV, é o próprio Q que pensa nisso – temos tendência a pensar imediatamente neste *mozo de campo e plaza* para ocupar o ilustre cargo<sup>1</sup>. E no entanto, Cervantes “não se lembra dele”; e no capítulo VII Sancho Panza faz a sua aparição *“un labrador vecino suyo, hombre de bien – si es que este título se puede dar al que es pobre”*.

Fiquei a pensar no assunto e cheguei a encontrar uma explicação que me parece bastante verosímil: o Q existe pelo facto de uma auto-invenção. O fidalgo, seja qual for o seu nome, decide auto-inventar-se enquanto cavaleiro. Deste primeiro facto se desprende uma quantidade de ausências e implícitos que, dependendo do nosso modo de ler e entender o texto, arrumam num só parágrafo uma vida que frisa os cinquenta anos, e consequentemente encontra-se já na senda dos anos finais. Assim, não temos informação outra que o facto de que se trata de um homem já velho, *filho d’algo* de origem, mas do qual nada nos é dito sobre os seus pais. Normal, quando pensamos que se trata justamente de uma auto-invenção. Auto-invenção que é absolutamente premeditada e conscienciosamente

---

<sup>1</sup> O António Feijó contou-me já lá vá um bom tempo uma historia que gostei muito e que me acaba de atravessar o espírito. Não sei se era o T. S. Elliot ou outro eminente professor e crítico que falando com outra pessoa esta disse-lhe que não tinha lido tal obra, não sei se Hamlet, a Ilíada ou o Quixote... e o Elliot le contestou que que sorte tinha, ao qual vista a surpresa do seu interlocutor, disse-lhe que aliás o invejava, já que este poderia experimentar o prazer único de ler por primeira vez dita obra... Pessoalmente devo confessar que, a pesar de achar um bocadinho blasée e snob a frase, com o correr do tempo começo a compartilhar tanto a ideia como o sentimento do Elliot

planejada: veja-se que levou quatro dias em dar nome ao seu cavalo, oito dias em encontrar-se um para si próprio, e não sabemos quanto tempo tardou em encontrar por quem se apaixonar e transformar a lavradora Aldonza Lorenzo em Dulcinea del Toboso.

Esta auto-invenção leva a que não seja possível, ou melhor dito verosímil, que o tal moço citado no começo da obra pudesse transformar-se no escudeiro de Dom Quixote. Este, sendo um empregado do *outro eu* dele, ou seja do senhor Quijada, Quesada, Quejana ou Quijano, não o poderia acompanhar no seu intento de transfiguração em outrém sem fazê-lo ter presente a sua condição original senão sempre pelo menos de quando em quando. E Cervantes deveria ser muito consciente disso. Nós sabemos que a própria descrição física do nosso cavaleiro não é para nada arbitraria e que corresponde às características atribuídas aos homens de temperamento “caliente y seco” descritas no “Examen de Ingenios” do doutor Huarte de San Juan, publicado em 1575. Tais homens, segundo Huarte, são “ricos em inteligência e imaginação, de carácter colérico e melancólico e propensos a manias”, traços de carácter que, todos, coincidem com os do cavaleiro da triste figura.

Sancho Pança é, pois, uma necessidade e uma enorme “trouville”. À auto-invenção do cavaleiro é necessário contrapor um personagem totalmente ligado a terra, a coisa terrena, básica. Mas como fazer para conciliar estes aspectos com a dose de credulidade necessária para o desenvolvimento das aventuras de um louco rematado, e para manter tudo isto dentro do terreno do plausível? A resposta é Sancho Pança: “*hombre de bien*” – como já dissemos – “*pero de muy poca sal en la mollera*”.

Para mim é evidente que é a clara visão das potencialidades desta descoberta que levou Cervantes a continuar a historia de DQ além daquilo que era a forma das novelas, e no seu caso particular, do conceito de *novela ejemplar* – ideia que por seu lado também é totalmente inovadora. A evolução do personagem e diversas formas de tratamento (no sentido da *escrita literária*) do carácter de Sancho ao longo da obra são – sempre para mim – muito reveladoras deste fenómeno.

E ao aparecimento de Sancho Pança seguira o de Cide Hamete Benengeli, quem a partir da segunda parte revela-se como o *autor* dos dois volumes da historia. Ou, pelo menos da sua maior parte, já que certas passagens e comentários pontuais revelam em alguma que outra ocasião uma complexidade autoral ainda maior e muito difícil de desvendar.

Podemos considerar que é o próprio Cervantes o narrador que começa a historia dizendo-nos que esta se passa “*En un lugar de la Mancha de cuyo nombre no quiero acordarme*”, mas sem esquecer que ele já “previamente” no prólogo se anuncia e se considera mais como o padrasto que como o pai do Quixote.

Claro que esse “previamente” do prólogo, como já assinalámos quando a sua leitura, foi em realidade escrito uma vez finalizada a Primeira Parte do texto publicada em 1605. Depois devemos lembrar-nos também que o próprio Cervantes nos apareceu também citado como “um dos autores” no escrutínio da biblioteca no capítulo VI. E que neste caso se trata de *autor* num sentido externo à narração, ou seja que esse *narrador* (Cervantes?) fala deste *escritor* (Cervantes, “*mas versado en desdichas que en versos*”) como de mais um da lista dos autores que devem passar pela aprovação do cura e do barbeiro ou terminar irremediavelmente com a sua obra no fogo purificador e salutar.

Mas voltando a este primeiro narrador, já desde o começo devemos reconhecer não poder jurar com certeza “quem ele é”. O que complica ainda mais o tema da autoria: tal como acontece com o nome do fidalgo o narrador diz-nos desde o início que “*hay alguna diferencia en los autores que de este caso escriben*” (I, 1). No capítulo segundo DQ reflecte no facto de que venham a “sair à luz a verdadeira historia dos seus famosos feitos” o que o leva, imitando a escrita dos autores de livros de cavalaria, a declamar a magnífica tirada de “*Apenas había el rubicundo Apolo...*” e, no parágrafo final do oitavo anuncia a complexidade que ira a desenvolver neste aspecto: “*Pero está el daño de todo esto que en este punto y término deja pendiente el autor desta historia esta batalla, disculpándose que no halló más escrito destas hazañas de don Quijote, de las que deja referidas. Bien es verdad que el segundo autor desta obra no quiso creer que tan curiosa historia estuviese entregada a las leyes del olvido, ni que hubiesen sido tan poco curiosos los ingenios de la Mancha, que no tuviesen en sus archivos o en sus escritorios algunos papeles que deste famoso caballero tratasen; y así, con esta imaginación, no se desesperó de hallar el fin desta apacible historia, el cual, siéndole el cielo favorable, le halló del modo que se contará en la segunda parte*”. deste modo é criada uma grande ambiguidade sobre a identidade dos narradores, tradutores e revisores desta “verdadeira historia” que – como assinalou Francisco Rico – modificam a perspectiva e a focalização do relato.

Não esqueçamos que a temática de “quem é” que relata, ou escreve ou fala só será central na literatura a partir do século XX. É dizer não só do “avanço” no qual se situava Cervantes, senão também da confusão à qual devia estar preso ao perceber o que tinha diante de si. O epígrafe do capítulo X (“*De lo que más le avino a don Quijote con el vizcaíno y del peligro en que se vio con una caterva de yangüeses*”) pode ser visto como revelador do desconcerto no qual devia encontrar-se Cervantes nessa altura da escrita do DQ. O conteúdo do mesmo, como ouvimos hoje – ou vamos ouvir –, não corresponde para nada ao título do capítulo, e, por isso, foi modificado em muitas edições, até pela Real Academia a partir de 1780, sendo restituído por Riquer já bem entrado o século XX. A história dos iangueses, como iremos ler dentro de alguns dias, tem lugar no capítulo XV, e é claro que, seja no momento de escrever seja mais tarde aquando da composição do livro –

segundo parece acreditar a maior parte dos especialistas – Cervantes decidiu transladar não só o diálogo do Q e Sancho e o discurso da Idade d’Ouro que iremos ler no próximo encontro, como também modificou a posição do episódio de Marcela e Grisostomo que muitos indícios permitem situar muito mais a frente, no capítulo XXV, num primeiro estado da escrita do DQ. O capítulo X é, como iremos ver, antecipatório de aventuras posteriores: Do bálsamo de Fierabrás e outros acontecimentos na venta (caps. XVII e XVIII), e um bocado mais a frente, do yelmo de Mambrino (cap. XXI), como notou Geoffrey L. Stagg na sua “Revision in DQ. Part I”. Todas estas alterações e mudanças são para mim um sinal inequívoco de um certo grau de dúvida no qual devia encontrar-se Cervantes nessa altura.

Em síntese podemos dizer que é a aparição de Sancho e a de Cide Hamete que deixam em aberto a possibilidade de ir muito além das dimensões nas quais até então se enquadravam os textos e os relatos da época. É claro, penso eu, que Cervantes já tinha meditado sobre esses aspectos que são total e absolutamente novos do ponto de vista formal e estrutural. Se assim não fosse teria sem dúvida deixado escapar essa oportunidade, e o facto que não o fez demonstra a meu ver a grande preocupação que tinha pelas questões da natureza da teoria literária. Por outro lado, não pode ser só por motivos externos a este facto que, depois de Galatea, passará vinte anos sem publicar. Vários eruditos assinalam – às vezes até com irritação, como é o caso de alguns cervantistas saxónicos – a frequência com a qual o próprio Cervantes escreve sobre o “nunca até então feito” e a inovação que os seus textos representavam. Mas a verdade é que esse é simplesmente um facto, e é muito provável que o próprio tivesse consciência da novidade que representavam não só as suas ideias sobre a literatura senão seu modo de escrever e que, quem sabe se também pelo facto de não ser muito reconhecido pelos seus pares e contemporâneos, tivesse uma clara consciência da revolução literária que ele, as suas obras e a sua visão da literatura representavam.

Álvaro Garcia de Zúñiga  
Lx, 22 de Janeiro de 2012.